

Atendimento moderno com antigos ideais

■ Clínica valoriza o paciente e diminui o aparato tecnológico visando à qualidade

ALICIA IVANISSEVICH

De um lado, consultas-relâmpago de cinco minutos, tratamento impessoal, paredes brancas e frias, uma extensa lista de exames a fazer e outra de remédios a tomar. De outro, atendimento personalizado, com tempo suficiente para conhecer a história clínica do paciente, um ambiente alegre, paredes em tons pastéis que lembram um hotel aconchegante e menos parafernália tecnológica — vale sobretudo a conversa, o contato, o exame físico, a confiança. Embora pareça hipotética, a segunda opção existe desde quarta-feira no centro do Rio. É uma clínica que valoriza a medicina humanizada, que avalia o paciente como um todo — não em pedaços —, a preços acessíveis para o público de classe média.

A criação de um espaço que privilegie a saúde em vez da doença é a resposta para as queixas cada vez mais frequentes de pacientes que sofrem com a sofisticação e a especialização da medicina. As reclamações vão do tempo mínimo de consulta — alguns médicos não examinam o doente nem perguntam seus antecedentes clínicos — ao número excessivo de exames — os pedidos beiram o ridículo, como a exigência de uma tomografia computadorizada em caso de intoxicação alimentar.

Contato — A nova clínica, Med-Co (Medicina contemporânea), é um filhote da Clínica São Vicente, na Gávea. Toda a concepção é da equipe médica da São Vicente. “A clínica tem tradição pelo tratamento dado a pacientes graves, não pelo atendimento ambulatorial”, comenta o gerente de planejamento Sergio Coelho, responsável pelo projeto e pela implantação da Med-Co. “Mas o desejo de criar um ambiente em que se pudesse resgatar o contato médico-paciente, onde um bom exame clínico fosse capaz de substituir a exagerada requisição de exames, é muito antigo. Depois de um ano e meio de *mastigar a ideia*, conseguimos chegar a nosso objetivo: uma medicina preventiva acessível para grande parte da população.”

Todas as consultas são conduzidas por clínicos gerais — a única especialidade é ginecologia e obstetrícia — e foram programadas para ter no mínimo 20 minutos — a primeira ocuparia dois horários,

40 minutos. “Assim teríamos a possibilidade de fazer uma entrevista e um exame detalhados”, justifica Coelho. “O preço foi fixado em R\$ 48, bastante acessível, se pensarmos que bons especialistas cobram hoje até R\$ 100 por consulta”, compara.

Toda a arquitetura e o mobiliário da clínica foram idealizados imaginando um ambiente acolhedor, convidativo, saudável, com um mínimo de *cara de hospital*, que pudesse romper as barreiras entre o médico e o paciente. Os nove consultórios disponíveis parecem cômodos de uma casa e os médicos têm capacidade potencial para atender 288 pessoas por dia. “As paredes da sala de espera são lilás-claras, porque é uma cor que relaxa a pessoa antes da consulta. As dos consultórios são de um amarelo suave, cor de alegria e vida”, conta Coelho.

Proximidade — As mesas são vazadas e encostadas na parede, para que o médico possa se sentar de frente para o paciente, sem obstáculos que interfiram na relação. Em cima das mesas, nada de papel, só um computador para registrar todos os dados do paciente: histórico, doença atual, antecedentes médicos, exame físico, cadastro, diagnóstico, receituário, pedido de exames, consultas. “É possível ter um prontuário inteiro do doente e ainda cruzar os dados com os de outros pacientes da clínica, construindo estatísticas relevantes para estudos epidemiológicos”, destaca Coelho.

Para que as pessoas possam aproveitar melhor seu tempo, os exames simples — coleta de material, ecocardiografia, eletrocardiografia, ergometria, endoscopia digestiva, ultra-sonografia e raios X — podem ser feitos na própria Med-Co. Além disso, nutricionistas estão à disposição dos pacientes que quiserem modificar sua dieta, mesmo que não tenha sido indicada pelo clínico.

“A idéia é acabar com a visão segmentada do paciente”, resume o diretor-médico da clínica, Fernando Boigues. “Não queremos tratar de órgãos e sistemas, mas da pessoa por inteiro. A relação humana está em primeiro lugar. A tecnologia só vai ser usada como coadjuvante no tratamento. Dará e não a última palavra.”